

Formação das favelas e comunidades urbanas e segregação socioespacial: um estudo no município de São Mateus, ES, com enfoque nos agentes do Estado, industriais, do mercado mobiliário e os grupos sociais excluídos

Formación de las Favelas y Comunidades Urbanas y Segregación Socioespacial: un estudio del municipio de São Mateus, ES, con enfoque en los agentes del Estado, industriales, del mercado inmobiliario y los grupos sociales excluidos

Simpósio E2_08 - Desigualdades territoriais e práticas de contestação na América Latina nos séculos XX e XXI: novas abordagens

Rafael da Silva Santos

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil
rafael_santos95@outlook.com

Clara Luiza Miranda

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil
clara.miranda@ufes.br

Resumo: No processo de urbanização capitalista, as relações e conflitos entre os diversos agentes envolvidos na produção do espaço podem levar ao estabelecimento ou à intensificação da segregação socioespacial. Isso pode ser evidente nas cidades brasileiras por meio da formação de assentamentos habitacionais precários em termos de infraestrutura urbana e moradia, como as favelas. A segregação socioespacial, assim como a formação das favelas, não é exclusiva dos grandes centros urbanos. O município de São Mateus pode exemplificar essa realidade: é o sexto maior do Espírito Santo e lidera a região norte do estado em número de favelas, totalizando 28 favelas e comunidades urbanas. Nessas áreas, concentram-se 22,44% dos domicílios e 18,79% da população, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE). Diante disso, o artigo busca identificar e discutir os agentes e processos que influenciaram a formação das favelas e comunidades urbanas identificadas pelo IBGE, em São Mateus, analisando a lógica da segregação socioespacial. Para tanto, adota-se uma abordagem geográfico-histórica, que investiga simultaneamente a organização espacial e suas dinâmicas, bem como os processos temporais, a fim de compreender como essas especificidades se relacionam com a gênese das favelas e comunidades urbanas. A

pesquisa bibliográfica e documental (jornais, mapas e imagens aéreas) contribuíram para a identificação dos agentes envolvidos e permitiu a discussão da segregação a partir da localização das favelas. Além disso, os dados do IBGE possibilitaram a verificação da segregação socioespacial com base em indicadores sociodemográficos (população, raça, densidade, educação e renda). Os resultados evidenciam o papel de agentes industriais da silvicultura e do petróleo em articulação com o Estado, o mercado imobiliário e dos grupos sociais excluídos na formação das favelas e comunidades urbanas de São Mateus, a partir da segunda metade do século XX, e discutem a segregação como um índice de vulnerabilidade social.

Palavras-chave: Favelas, Comunidades urbanas, Segregação socioespacial.

Resumen: *En el proceso de urbanización capitalista, las relaciones y conflictos entre los agentes que participan en la producción del espacio pueden conducir al establecimiento o a la intensificación de la segregación socioespacial, visible en las ciudades brasileñas mediante la formación de espacios habitacionales precarios, como las favelas. Este fenómeno no se restringe a los grandes centros urbanos. El municipio de São Mateus ejemplifica esta realidad: es el sexto mayor del estado de Espírito Santo y lidera la región norte en número de favelas y comunidades urbanas, con un total de 28. En estas áreas se localizan el 22,44% de los domicilios y el 18,79% de la población municipal, según datos del Instituto Brasileño de Geografía y Estadística (IBGE). En este contexto, el artículo tiene como objetivo identificar y analizar los agentes y procesos que influyeron en la formación de las favelas y comunidades urbanas identificadas por el IBGE en São Mateus, a partir de la lógica de la segregación socioespacial. Se adopta un enfoque geográfico-histórico, que articula el análisis de la organización espacial y sus dinámicas con procesos temporales, con el fin de comprender la génesis de estos asentamientos. La investigación bibliográfica y documental, basada en periódicos, mapas e imágenes aéreas, permitió identificar los principales agentes involucrados y discutir la segregación a partir de la localización de las favelas. Asimismo, los datos del IBGE posibilitaron el análisis de la segregación socioespacial mediante indicadores sociodemográficos como población, raza, densidad, educación e ingresos. Los resultados evidencian el papel de los agentes industriales de la silvicultura y del petróleo, en articulación con el Estado, el mercado inmobiliario y los grupos sociales excluidos, en la conformación de las favelas y comunidades urbanas de São Mateus desde la segunda mitad del siglo XX, y analizan la segregación como indicador de vulnerabilidad social.*

Palabras-clave: Favelas; Comunidades urbanas; Segregación socioespacial.

Introdução

Este artigo é parte e resultado de pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo, que investigou aspectos relacionados as favelas e comunidades urbanas no município de São Mateus, na região norte do Espírito Santo (Figura 1). O objetivo principal é identificar e discutir os agentes e processos que influenciaram a formação das favelas e comunidades urbanas de São Mateus, mediante a lógica segregação socioespacial. Tratar das favelas é um exercício complexo, pois sendo objeto multifacetado, suscita uma variedade de aspectos, sejam eles históricos, econômicos, sociais e políticos, que se relacionam ao processo de modernização capitalista dos anos de 1970-1980, suscitado pelo novo padrão de maior transnacionalização da economia, que promoveu a tecnificação agrícola simultânea à industrialização, resultando no padrão desigual de urbanização dos países dependentes.

Diversos autores (Smith, 1988; Harvey, 2011; Maricato, 2013;2014; Bonduki, 2013) abordam o processo de urbanização e de produção do espaço urbano, bem como sua crescente associação às formas capitalistas contemporâneas. Entretanto, uma parte substancial dessa literatura se concentra no contexto dos grandes centros urbanos e metrópoles; Pasternak (2008, p. 76), sugere que “falar de favelas é falar da grande cidade no Brasil desde a virada do século XX”, e nesse sentido, no cenário nacional, Rio de Janeiro e São Paulo são as cidades ricamente exploradas na investigação acadêmica.

De fato, a disseminação das favelas no Brasil está intimamente ligada ao processo de urbanização acelerada e às transformações socioeconômicas no início do século XX, iniciadas durante a Era Vargas, intensificadas no período Kubitschek e na Ditadura Militar. Houve o incremento da industrialização no Sudeste do país, particularmente nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, que passaram a atrair grandes fluxos migratórios com a promessa de oportunidades de trabalho e condições de vida supostamente melhores. No entanto, a rápida concentração populacional não foi acompanhada por um desenvolvimento adequado de infraestrutura habitacional, motivando a formação do que se conhece como favelas (Maricato, 2013;2014; Bonduki, 2013).

Se, inicialmente houve o “reforço do circuito da metropolização que representa[va] o *locus* principal da indústria no País”, conforme Fany Davidovich (1987, p. 9-10), em seguida envolveu cidades interioranas. O padrão transnacional da economia emergente nos anos de 1970, requereu intensa especialização e tecnificação no campo e da mineração, visando à produção para exportação; gerando processos de crescimento populacional de cidades pequenas e médias, que atuavam como fronteiras ou polos da expansão agrícola e mineradora, é o caso de São Mateus. Tais processos de reorganização produtiva acarretaram grandes desigualdades regionais e urbanas. A demanda por moradia, emprego, saúde, educação extrapolava os limites da oferta (Davidovich, 1987). São Mateus se inseriu nesse quadro assumindo paulatinamente a função de centro regional.

Deste modo, como aponta Sposito (2004), a presença de favelas também pode ser uma realidade de cidades de porte médio, resultado de uma dinâmica de urbanização que não é exclusiva dos grandes centros urbanos. Elas também enfrentam desafios semelhantes relacionados ao espaço habitacional, uma vez que podem ocorrer o desenvolvimento de atividades econômicas regionais específicas, que podem ocasionar processos acelerados de industrialização e urbanização sem a capacidade da cidade absorver as consequências, dentre elas a demanda por infraestrutura urbana

e moradia. Assim, não se deve ignorar a relevância de se abordar a questão a partir das cidades em desenvolvimento.

Nesse âmbito entende-se que a relevância de São Mateus como realidade pesquisada (Figura 1). No censo de 2010, São Mateus já contava com mais de 108 mil habitantes, os dados do censo de 2022 revelaram um aumento de quase 124 mil habitantes, ou seja, uma cidade média a partir do parâmetro demográfico (IBGE, 2024). Além disso, Bonomo (2010, p. 173), com base numa análise geográfica da história urbana, evidência que ela é uma cidade dotada de significativo nível de centralidade, sendo “um importante nó da rede urbana capixaba”, desempenhando um papel de polarizador na Macrorregião Norte capixaba, e exercendo influência em outras macrorregiões do estado, em município do Sul da Bahia e em Municípios mineiros, com os da Região do Vale do Rio Doce.

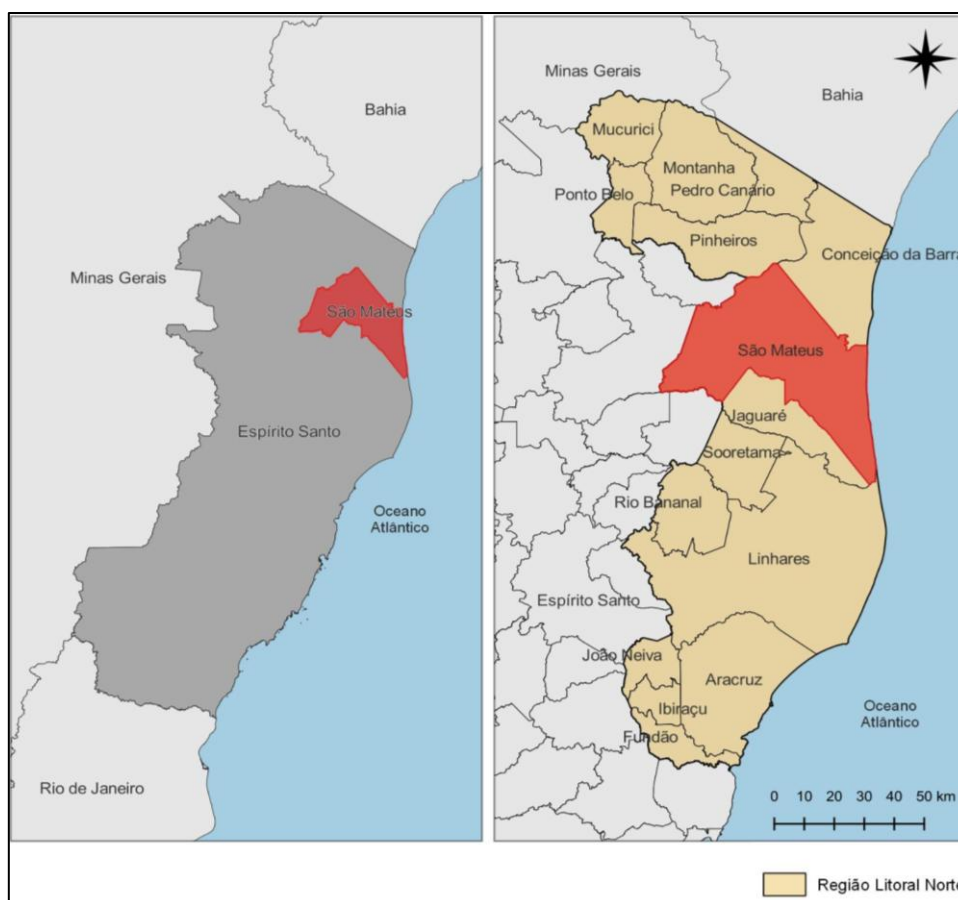


Figura 1 - Mapa de localização do Município de São Mateus. Fonte: IBGE (2023), elaborado pelo autor (2025)

Os dados sobre favelas também são aspectos decisivos para pesquisa. Atualmente, as favelas e comunidades urbanas são definidas basicamente como territórios populares formados, em geral, por iniciativas autônomas e coletivas de moradia, diante da insuficiência das políticas públicas. Caracterizam-se pela insegurança da posse da terra, precariedade ou ausência de serviços urbanos, autoconstrução das edificações e, em muitos casos, pela ocupação de áreas com restrições legais ou risco ambiental, além de forte identidade comunitária (IBGE, 2024, p. 52-55).

São Mateus constitui o maior município da sua região em número favelas e comunidades urbanas, 28 unidades, como pode ser observado no mapa da Figura 2, estando na sexta posição no ranking dos municípios capixabas, atrás de Cariacica (79 favelas), Serra (68 favelas), Vila Velha (61 favelas), Vitória (43 favelas) – municípios da região metropolitana do estado – e Cachoeiro de Itapemirim (38 favelas). Destaca-se também o número de domicílios ocupados e a população residente em favelas, São Mateus está entre os 10 municípios mais expressivos numericamente, sendo que conta com 10.148 domicílios localizados em favelas (22,44%) e 23.258 habitantes residindo nessas áreas (18,79%), ficando na oitava posição, no estado, em relação as duas variáveis (IBGE, 2024).

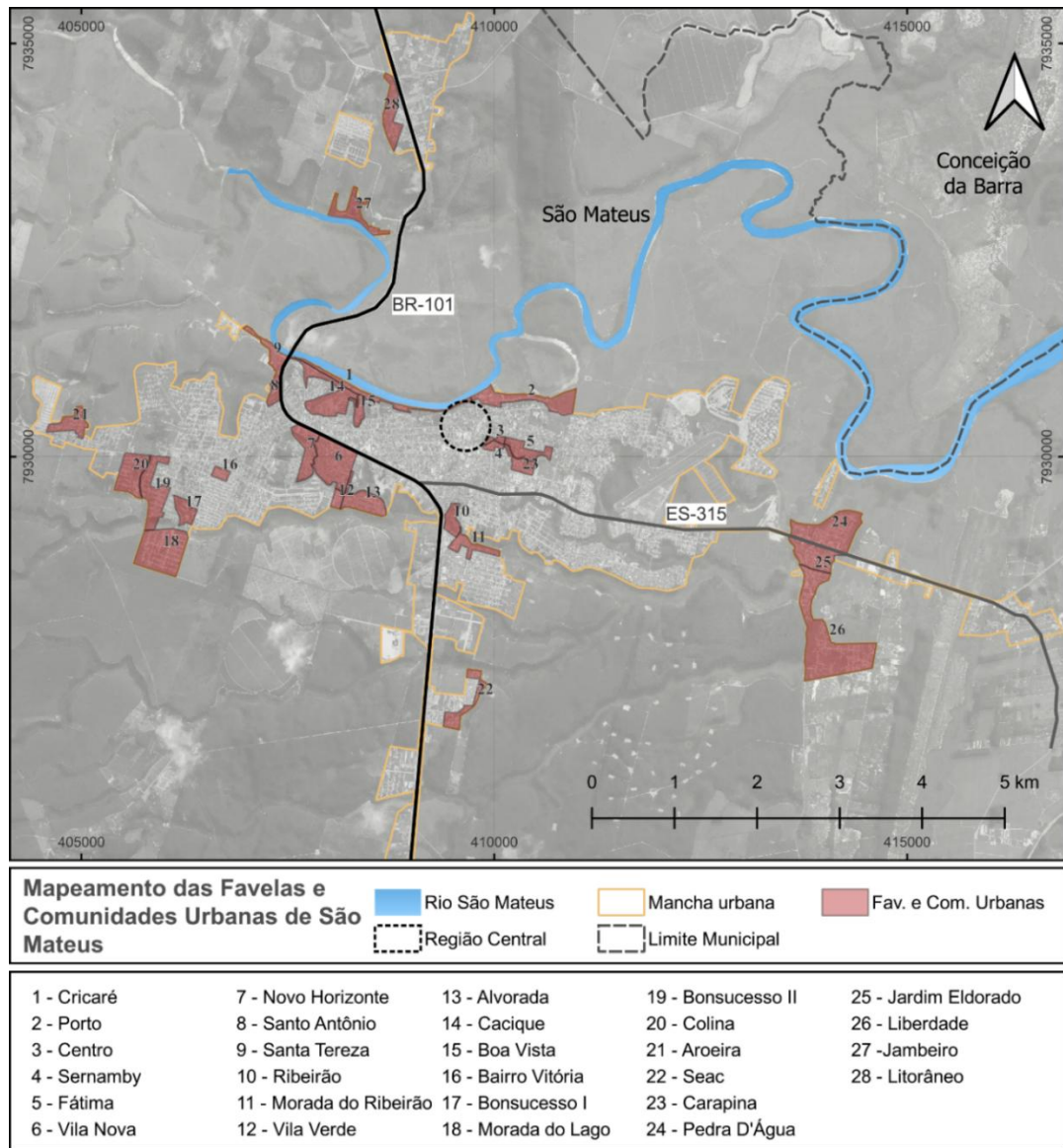


Figura 2 - Mapa das favelas e comunidades urbanas da cidade de São Mateus. Fonte: IBGE (2024); elaborado pelo autor (2025).

Para além dos dados sobre as favelas, foi identificada uma lacuna de produções sobre o tema, até o ano de 2025, não foram encontradas dissertações ou teses campo da arquitetura e urbanismo abordando de forma direta a questão das favelas no espaço urbano mateense. No âmbito da pesquisa destacou-se o papel dos agentes e processos que influenciaram a formação dessas favelas e comunidades urbanas identificadas pelo IBGE, analisando a lógica da segregação socioespacial.

Para tanto, a abordagem conecta-se entre as décadas de 1960 e 1990, período que marca o processo de industrialização e urbanização do município, momento central para a gênese das favelas, com a atuação de agentes industriais, especialmente ligados à silvicultura e à exploração do petróleo, que promovem dramática concentração fundiária, inclusive apossando-se de territórios quilombolas, das terras mais planas e das fontes de água (Cf. LIMA, 2016); além do Estado, das políticas urbanas e habitacionais; do mercado imobiliário e dos grupos sociais excluídos, como será visto adiante.

Assim, este artigo se estrutura em três partes principais: a base teórica, onde se apresenta os autores e termos norteadores da pesquisa; depois uma contextualização histórica e do município de São Mateus e um panorama do processo de industrialização e urbanização de São Mateus na segunda metade do século XX, onde se identifica os diferentes agentes de produção do espaço urbano em São Mateus e os efeitos de sua atuação bem como a formação das favelas no município; e, por fim, a análise espacial da formação das favelas e a análise de dados sobre a segregação socioespacial.

Metodologia

Os processos metodológicos seguiram uma abordagem geográfica-histórica, que, conforme observado em Alves (2011) e em Silva (2012), busca compreender as transformações do espaço ao longo do tempo. Para tanto combina as perspectivas da geografia, que estuda a organização espacial e suas dinâmicas, com a história, que examina os processos temporais, para analisar como os fenômenos espaciais estão ligados às mudanças históricas. Assim, foi possível compreender e relacionar os eventos históricos e suas manifestações no espaço com a gênese das favelas e comunidades urbanas.

Inicialmente elaborou-se um levantamento documental por meio de fontes secundárias e terciárias (bibliografia e cartografias derivadas de fontes primárias), além da aquisição de dados primários, como as cartografias, imagens e entrevistas. A bibliografia foi a base para compreender as peculiaridades do processo de ocupação e da industrialização da região norte capixaba, com foco no município de São Mateus. Investigou-se a relação que se estabelece entre esse processo e a formação das favelas na cidade, identificadas na Figura 2. As imagens aéreas e mapas contribuíram para uma análise espacial cronológica da gênese das favelas no tecido urbano de São Mateus e compreender as devidas relações com os fatos históricos e os agentes produtores do espaço.

Foram realizadas também entrevistas¹ com moradores das favelas de São Mateus e/ou com pessoas atuantes de movimentos sociais, com forma de estabelecer uma aproximação histórica também a partir da perspectiva de quem o habita ou atuou na luta pelo direito à moradia. As entrevistas seguiram uma modalidade semiestruturada, de caráter exploratório e etnográfico. A escolha dos entrevistados foi orientada por sugestão dos próprios moradores das comunidades em visita de campo e foram abordados temas relacionados à gênese das favelas e comunidades urbanas, à precariedade urbana e habitacional, às políticas públicas, entre outros.

¹ A realização das entrevistas foi aprovada pelos Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da UFES, conforme estabelecido no parecer consubstanciado número 7.224.074. Neste artigo foram expostas falas de três entrevistados.

Por fim, também foram analisados aspectos sociodemográficos com base nos dados agregados por setores censitários dos censos de 2010 e 2022, foram apresentados aqui os que se mostraram mais pertinentes para análise da segregação socioespacial, isto é, os dados de densidade populacional, cor e raça e renda, a fim de refletir sobre os efeitos dos processos geográficos e históricos discutidos.

Referencial teórico

O artigo fundamenta-se em abordagens teóricas que permitem compreender os agentes e os fatores envolvidos na gênese das favelas e nos processos de segregação socioespacial em São Mateus. Nessa perspectiva, a urbanização é entendida como elemento central da produção capitalista do espaço, uma vez que a estrutura urbana não é neutra, mas moldada pelas dinâmicas do capitalismo e pelos interesses do capital, que influenciam normas, políticas e práticas de organização do território, como aponta, Abramo (1995). Esse processo resulta, frequentemente, em uma distribuição desigual da terra urbana e em formas de planejamento que favorecem os grupos de maior renda, marginalizando as populações mais pobres. Assim, torna-se impossível compreender as favelas e a urbanização dissociadas da desigualdade, uma vez que o desenvolvimento econômico nas cidades ocorre de maneira desigual e combinada, com áreas que concentram crescimento e investimentos (assim como acumulação), enquanto outras vivenciam estagnação ou declínio (Smith, 1988).

Partindo dessa compreensão, e da abordagem geográfica-histórica, mobilizaram-se os conceitos de estruturação e reestruturação urbana para analisar as dinâmicas espaciais contemporâneas. Nesse sentido, Sposito (2004) destaca que a estruturação urbana das cidades está fortemente marcada pelas relações entre centro e periferia, nas quais os interesses fundiários e imobiliários se sobrepõem, de modo recorrente, aos setores produtivos, orientando as escolhas locacionais e contribuindo para a reprodução das desigualdades socioespaciais.

A reestruturação urbana, por sua vez, pode ser compreendida como um processo dinâmico e contínuo de transformação do espaço, que responde às mudanças sociais ao mesmo tempo em que as condiciona, envolvendo tanto permanências quanto rupturas (Luquez, 2016). Trata-se de um movimento cíclico de estruturação, desestruturação e reestruturação, no qual as formas e funções urbanas não são necessariamente substituídas, mas frequentemente ressignificadas ou requalificadas.

Nesse debate, Sposito (2011) propõe a distinção entre “reestruturação urbana” e “reestruturação da cidade”, permitindo a análise das transformações em diferentes escalas. A reestruturação urbana refere-se aos processos que operam em escala ampliada, articulando o conjunto das cidades, a divisão interurbana do trabalho e os fluxos de capital, trabalho e infraestrutura, sendo influenciada por dinâmicas econômicas e políticas mais amplas. Já a reestruturação da cidade diz respeito às transformações internas à escala municipal, expressas na reorganização dos usos do solo, na redistribuição de atividades e nas relações entre as diferentes partes da cidade, manifestando-se de forma mais visível nas formas espaciais. Dessa forma, a compreensão da formação das favelas em São Mateus exige a articulação entre essas duas dimensões, reconhecendo que a produção do espaço urbano municipal não ocorre de maneira isolada, mas integra processos mais amplos de reestruturação urbana em escala nacional e internacional.

À luz desses processos de estruturação e reestruturação urbana, torna-se possível identificar elementos centrais para a análise da produção do espaço urbano brasileiro e, em particular, das

favelas em São Mateus. A urbanização se realiza por meio de uma dinâmica simultânea de articulação e segregação, na qual a combinação desigual de forças sociais, econômicas e políticas resulta em espaços historicamente e geograficamente diferenciados. Nesse contexto, o conceito de hegemonia da técnica mostra-se fundamental para a compreensão da produção do espaço.

Para Santos (2006), a técnica constitui um conjunto histórico de meios instrumentais e sociais que possibilitam a transformação da natureza e a produção do espaço geográfico, abrangendo desde técnicas rudimentares até sistemas tecnológicos complexos. Longe de ser neutra, a técnica organiza e reestrutura o espaço urbano, ao mesmo tempo em que é condicionada por ele, estabelecendo uma relação dialética entre objetos técnicos e território.

Essa perspectiva contribuiu para compreender momentos que a urbanização e da reestruturação da cidade se inscrevem no território de São Mateus, evidenciando que a formação das favelas resulta da combinação entre desigualdades estruturais, dinâmicas técnicas e processos históricos específicos. Aspectos que resultam da interação entre diferentes agentes sociais, que, conforme exposto por Corrêa (1991), são: os grandes agentes industriais, que controlam os meios de produção; os proprietários fundiários, que detêm o domínio sobre as terras; os promotores imobiliários, responsáveis pela expansão do mercado habitacional; o Estado, em São Mateus, por exemplo, atuou como agente promotor da colonização e na distribuição de terras para a exploração petrolífera e a silvicultura; enquanto os grupos sociais excluídos, frequentemente ocuparam espaços marginalizados.

Industrialização e a formação de favelas em São Mateus

São Mateus é uma cidade histórica, com início do povoamento no século XVI, cujo antigo porto, às margens do Rio São Mateus, hoje centro histórico da cidade, constituiu um elemento central para a organização econômica do município. A região desenvolveu-se inicialmente a partir da agricultura e da exploração de recursos naturais, com destaque para a farinha de mandioca, o açúcar, os cereais e a madeira, sustentada pelo trabalho de pessoas escravizadas, desempenhando papel estratégico nos circuitos regionais de comércio escravista (Espírito Santo, 2009).

Ao longo do século XIX, a cidade enfrentou uma crise econômica relacionada à decadência das atividades portuárias, intensificada por fatores sanitários, pelo assoreamento do rio (após a devastação das florestas convertidas inicialmente em pasto) e pela implantação das primeiras estradas, que reduziram a centralidade do transporte fluvial. São Mateus voltou a experimentar dinamismo econômico e expansão urbana, somente a partir das décadas de 1960 e 1970, em um contexto de industrialização impulsionado pela exploração do petróleo e pela silvicultura do eucalipto (Bonomo, 2010; Espírito Santo, 2009).

Na segunda metade do século XX, a posição estratégica do Espírito Santo emergiu, impulsionada por sua localização favorável a implantação infraestrutura portuária. A modernização do setor agrícola e o capital industrial, com suas economias de escala, passaram a exercer um papel dominante, concentrando-se especialmente na capital, Vitória, e ao longo da BR-101. Nesse contexto, a região centrada em São Mateus ganhou destaque, com a instalação de empresas que influenciaram fortemente o cenário regional. Primeiro, em 1967, com a criação e instalação da Aracruz Florestal S/A, que foi beneficiada pela doação de 10 mil hectares de terras do governo estadual, destinada ao plantio de eucalipto para exportação de cavacos. Inicialmente, Aracruz foi escolhida como polo do complexo industrial, com São Mateus e Conceição da Barra se unindo posteriormente ao projeto. O mesmo grupo empresarial, mais tarde, passou a atuar na produção

de celulose com a criação da Aracruz Celulose S.A., em 1972, e iniciou a operação comercial em 1979. Já na década de 1990, destaca-se a Bahia Sul Celulose S.A., resultado da união da Cia. Suzano de Papel e Celulose (55%) e da Cia. Vale do Rio Doce (45%), que iniciou a produção de papel em 1993, expandindo o plantio de eucalipto e a produção de celulose. Em 2001, a Suzano adquiriu a participação total da Vale, e, em 2004, a empresa passou a se chamar Suzano Bahia Sul Papel e Celulose S.A. (Bonomo, 2010; Loureiro, 2006).

A Petrobras também se destaca dentre os agentes industriais que influenciaram a urbanização de São Mateus. Nardoto (2016) traça um panorama histórico das atividades da empresa no estado e em São Mateus. O autor indica que, no Espírito Santo, a atuação da Petrobras começou em 1957 com levantamentos gravimétricos, e em 1967 foi confirmada a presença de petróleo, em São Mateus. Em 1969, o primeiro poço com produção comercial foi estabelecido, e a exploração sistemática intensificou-se nos anos 1970, impulsionada pela crise do petróleo de 1973. Em 1978, a descoberta de petróleo em alto-mar resultou na criação da Plataforma de Cação, e, na década de 1980, foram fundados os distritos de Produção e Exploração em São Mateus. Após a queda da produção de petróleo na década de 1990, devido à estabilização dos preços, diversos funcionários da Petrobras foram transferidos para Vitória entre 2000 e 2001, que foi estabelecida como sede para apoiar a produção terrestre no norte do Espírito Santo e a exploração marítima no sul. Serviços como limpeza, alimentação, transporte e perfuração passaram a ser realizados por empresas terceirizadas, empregando mão de obra especializada principalmente de Vitória, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

É primordialmente relevante aqui se ater aos efeitos da atuação dos agentes industriais, em articulação com outros, a fim de compreender a sua relação com a formação das favelas e a segregação socioespacial. Tais efeitos podem ser observados na configuração das relações de trabalho, demografia, na estrutura fundiária do norte capixaba, na atuação do mercado imobiliário, e na configuração socioespacial de São Mateus a partir na segunda metade do século XX, aspectos que marcam a reestruturação da cidade.

Quanto as relações de trabalho, são um aspecto central das dinâmicas econômicas e sociais que moldam o espaço urbano (Santos, 2006). Isso comprova-se em São Mateus, visto que a exploração de terras em decorrência da silvicultura do eucalipto, exigiu expressivo contingente de mão de obra, expulsando quilombolas, atraindo fluxos migratórios (intermunicipais e interestaduais) e alterando de forma significativa a estrutura produtiva do município. Parte dos migrantes trabalhavam como boias-frias, num fluxo diário entre a favela e a plantação de eucalipto (IJSN, 1985).

Entretanto, a partir da década de 1990, com a inauguração da segunda fábrica da Aracruz Celulose, a adoção de novos modelos mecanizados de produção e a fusão entre Aracruz Celulose e Aracruz Florestal, houve demissões em massa e ampliação da terceirização, resultando na eliminação de cerca de 6.000 postos de trabalho. A empresa passou a incentivar o plantio de eucalipto em propriedades de terceiros, por meio de contratos, ampliando a produção sem necessidade de aquisição de novas terras. Essa estratégia reduziu custos trabalhistas, transferiu riscos ambientais e econômicos aos pequenos produtores e expandiu a monocultura para áreas menos adequadas, como terrenos declivosos e municípios mais distantes da região norte. Paralelamente, a terceirização intensificou a precarização do trabalho, com recorrentes riscos à saúde e à vida dos trabalhadores, mesmo após a mecanização e a redução das atividades manuais (Bonomo, 2010; De’Nadai, Overbeek e Soares, 2005; Loureiro, 2006).

Somando-se a isso, têm o aspecto fundiário, que também é determinante nesse contexto. Loureiro, (2006) evidencia que a exploração de terras indígenas e quilombolas pela Aracruz Florestal e pela Aracruz Celulose no território do Sapê do Norte², desencadeou processos de expropriação e desestruturação socioeconômica dessas comunidades. A expansão do monocultivo de eucalipto promoveu o deslocamento de populações tradicionais, afetando práticas produtivas, relações sociais e territórios ancestrais, o que intensificou os fluxos migratórios para áreas urbanas, especialmente para São Mateus, Aracruz e para a Região Metropolitana da Grande Vitória.

Um dos entrevistados, residente na comunidade de Fátima (3), cuja família são de origem quilombola, do Sapê do Norte, menciona a saída da família da área rural em direção ao centro urbano em formação de São Mateus, sendo possível identificar a implantação do grupo Aracruz com o fluxo migratório, bem como a novas formas de trabalho na área urbana:

[...] Então, ela [minha mãe] vendeu [a área rural] para a Aracruz, e aí nós viemos para a cidade. Então, cheguei aqui muito novinha. Era 1966. (...) Eu nasci em 1954. E aí, quando eu cheguei nesse bairro, não tinha este tanto de casa que tem hoje. Era uma rua que de um lado tinha mata e de outro tinha essas casas que era um conjunto de casa que um homem [...] tinha construído várias casinhas, né? E aí minha mãe comprou uma dessas casas [...] Não tenho certeza por que que eles quiseram mudar para a cidade. Era muito novinha, eu não sei. Eu não sei se era para o estudo, eu não sei por que que eles vieram para cá? Meu pai foi trabalhar em uma empresa por nome Cacique, que hoje tem o bairro com o nome Cacique... A Serraria, a Serraria Cacique. E minha mãe sempre foi dona de casa. Então meu pai trabalhou muito tempo na Serraria (informação verbal)³.

Observa-se, então, uma lógica de produção do espaço em cidades médias, já apontada por Sposito (2004), marcada por uma apropriação extensiva do território por empresas do agronegócio, que contribuem para a expulsão de populações rurais e o deslocamento de trabalhadores para os núcleos urbanos, em especial para áreas com baixa capacidade de recepção habitacional.

Essa dinâmica é perceptível a luz dos dados demográficos. Em 1970, a população rural de São Mateus era significativamente superior à população urbana (69% e 31%, respectivamente, em 1970), quadro que se altera ao longo da década, de modo que, em 1980, ambas se igualam. A partir desse momento, a população urbana passa a crescer de forma mais acelerada, no censo de 2000 população urbana já era configurava em 76% (Bonomo, 2010).

É necessário considerar que, para além dos fluxos migratórios rural-urbano intramunicipais, como os envolvendo populações quilombolas, os fluxos migratórios intraestaduais e interestaduais contribuíram para tal cenário. Entre 1986 e 1991, São Mateus foi o principal destino de imigrantes da região norte do Espírito Santo e o sexto do estado, recebendo 5.862 imigrantes, o que corresponde a uma taxa de migração de 9,13%. A origem desses imigrantes evidencia a forte influência dos estados limítrofes, com destaque para a Bahia, responsável por 1.956 pessoas, ou 8,12% do total da imigração estadual (Espírito Santo, 2003).

² Importante território quilombola do norte capixaba, abrangendo os municípios de São Mateus e Conceição da Barra.

³ Entrevistado 1

A Petrobrás também é significativa para alteração da dinâmica demográfica, segundo Bonomo (2010), ela exerceu influência direta na expansão urbana de São Mateus, tanto pela abertura de novas vias, associadas à exploração do petróleo, quanto pelo estímulo à aprovação de loteamentos, em especial aqueles destinados a população de classe média, a qual pertenciam os funcionários da empresa. Na década de 1970 e 1980, período de intensificação das atividades petrolíferas, foram aprovados 19 loteamentos, com queda na década de 1990 (São Mateus, 2023), acompanhando a crise do setor petrolífero e a diminuição da produção no município, conforme.

Acontece que oferta habitacional não foi suficiente para atender à crescente demanda, nem mesmo direcionada as populações mais carentes, o que incorreu em um elevado déficit habitacional, atingindo cerca de 5 mil unidades em 1989 e aproximadamente 10 mil no início da década de 1990, conforme relatos de integrantes da administração municipal. É nesse contexto que ocorre a ocupação de áreas periféricas, se formando as primeiras favelas em São Mateus. Reportagens indicam que, até o início dos anos 2000, a maior parte das obras de infraestrutura urbana ainda se concentrava no núcleo central do município enquanto as áreas em processo de favelização permaneciam carentes de serviços essenciais, como pavimentação, abastecimento de água e esgotamento sanitário (A Gazeta, 1989; 1990), evidenciando o aprofundamento da segregação socioespacial, como apontou um entrevistado do bairro Vila Nova (6) sobre as condições do espaço no início de sua ocupação na década de 1970:

[...] Praticamente era mais macega e em alguns pontos era casinha de palha, casinha de tábua espalhada. E aqui na frente tinha um, tipo... era um colégio, mas foi tudo feito de tábua, né. E depois, até o finado [Agnaldo]⁴, passou um fio com mangueira preta até aqui [na frente de casa]. Ele tinha uma oficina ali na beira da pista [BR-101], chamada oficina preta. Aí passou a mangueira preta de lá para cá, até aqui pra colocar uma lampadazinha pra o pessoal estudar aqui no colégio, tudo feito de tábua. [...] Aqui na frente tinha o chafariz, bem na frente da minha casa. Era o chafariz onde o pessoal pegava água. Só tinha aquele ponto de água ali. Era uma confusão, porque aí o pessoal chegava e estava na frente. Tinha duas torneiras [...]. Mas energia não tinha, não. Não tinha nada. As ruas, calçamento nenhum (Informação verbal)⁵

Observa-se uma característica recorrente da urbanização brasileira: o caráter contraditório da industrialização, que, ao mesmo tempo que concentra investimentos e dinamiza a economia urbana, aprofunda desigualdades socioespaciais (Santos, 2006). Nessa dinâmica, também se configuram agentes da produção do espaço urbano os grupos sociais excluídos, que, diante da exclusão habitacional, do desemprego e dos baixos salários, recorrem a formas precárias de moradia, como a autoconstrução e as favelas (Corrêa, 1991). Embora frequentemente interpretadas como espaços desordenados, constituem formas de inserção territorial baseadas na proximidade aos mercados de trabalho e na sobrevivência cotidiana, ainda que essa resistência não se configure, necessariamente, como um ato político consciente, mas como resultado de ocupações espontâneas por populações sem acesso à moradia formal (Cf. Lourenço, 2022). Um dos entrevistados da comunidade de Vila Verde (12), evidencia tal aspecto ao relatar como iniciou a ocupação do bairro em meio as necessidades habitacionais, bem como a resistência frente a violência policial:

⁴ Entrevistado 2 (2024)

⁵ Entrevistado 3 (2024)

[...] Eu cheguei a convencer os meninos [a ocupar a área do bairro Vila Verde], os meninos quiseram esperar, aí eu falei: nós vamos logo tirar o nosso, já que ele [prefeito] vai liberar, então nós viemos para cá. Lá, eles mandaram uma polícia. A polícia chegou e quebrou tudo, tudo, tudo, as lonas, as roupas, o fogo, quebrou tudo, nós soltamos, corremos, foi tudo embora para casa. Quando foi no outro dia nós viemos de novo para cá. A polícia veio, de novo, arrancou nós tudo, de novo, jogou tudo para lá, de novo, cada um na sua casa, quem tinha, quem não tinha. Eu morava de aluguel. Aí, nisso nós viemos de novo, foram quatro tentativas. Nas cinco [quinta] tentativas, eles mandaram um batalhão de Nova Venécia⁶. Veio um batalhão de Nova Venécia, chegou. Eu estava com esse menino meu, de trinta e oito anos, sentadinho no chão, aí a polícia chegou uma vez, meteu o pé, *sentou a butina nos pavos e saiu derrubando, aí o pessoalzinho*: ‘corre, corre, corre com esse menino que eles estão derrubando tudo’. Os outros eram tudo assim, eu falei ‘eu não vou correr, eu não vou correr, porque eu estou pagando aluguel e o dono da casa pediu a casa e não tem para onde eu ir, eu vou ficar’ (informação verbal)⁷.

Para além do fomento de loteamentos destinado à classe média, o mercado imobiliário contribuiu para o agravamento da exclusão habitacional. Reportagens do jornal A Gazeta (1989) indicam que a valorização imobiliária no município elevou significativamente os preços de venda e aluguel, tornando-os incompatíveis com a renda de parcelas expressivas da população. Esse cenário provocou o deslocamento de famílias para áreas menos valorizadas, onde a precariedade urbana era mais acentuada, ao mesmo tempo em que se evidenciava a lentidão do poder público na produção de habitação e infraestrutura (A Gazeta, 1989).

O mapa conjectural da mancha urbana e da gênese das favelas (Figura 3), concede uma noção espacial das favelas e comunidades urbanas. É possível identificar a dinâmica da formação das favelas a partir do seu surgimento na mancha urbana, nos anos de 1970, 1983, 2006 e 2019, períodos delimitados conforme mapas históricos e imagens aéreas encontrados.

Observa-se, em 1970, uma ocupação concentrada na região central e na área de origem da cidade (Porto), entre o rio São Mateus e a BR-101. Nesse ano, é possível identificar cinco comunidades: Cricaré (1) e Porto (2), que apresentam ocupação às margens do rio, além do bairro Centro (3), Sernamby (4) e Fátima (5). No período, a densidade da ocupação ainda era relativamente baixa, de modo que há dois vazios urbanos, nos quais não foi possível identificar traçados ou ocupações bem definidos.

Já no ano de 1982, a mancha urbana cresceu mais do que o dobro em relação a 1970, devido, em grande medida, à influência dos processos de industrialização e urbanização que ocorreram no município. Foi durante a década de 1970 que diversos loteamentos foram aprovados, em resposta ao crescente contingente populacional, mesmo momento que a população urbana ultrapassou a população rural. Nesse contexto a ocupação ocorreu principalmente ao longo das margens da BR-101, onde as favelas começaram a se formar, marcando um movimento de expansão para além da região central. É possível observar a ocupação expressiva dos bairros Vila Nova (6), Santo Antônio (8), Santa Tereza (9) e Ribeirão (10), assim como a ocupação parcial dos bairros Novo Horizonte (7) e Morada do Ribeirão (10). Também pode-se observar na mancha urbana, bairros

⁶ Município adjacente à São Mateus

⁷ Entrevistado 4 (2025)

dissociados do contexto central da cidade: o bairro Litorâneo (28) e uma pequena parcela dos bairros Pedra D'água (24) e Jardim Eldorado (25)

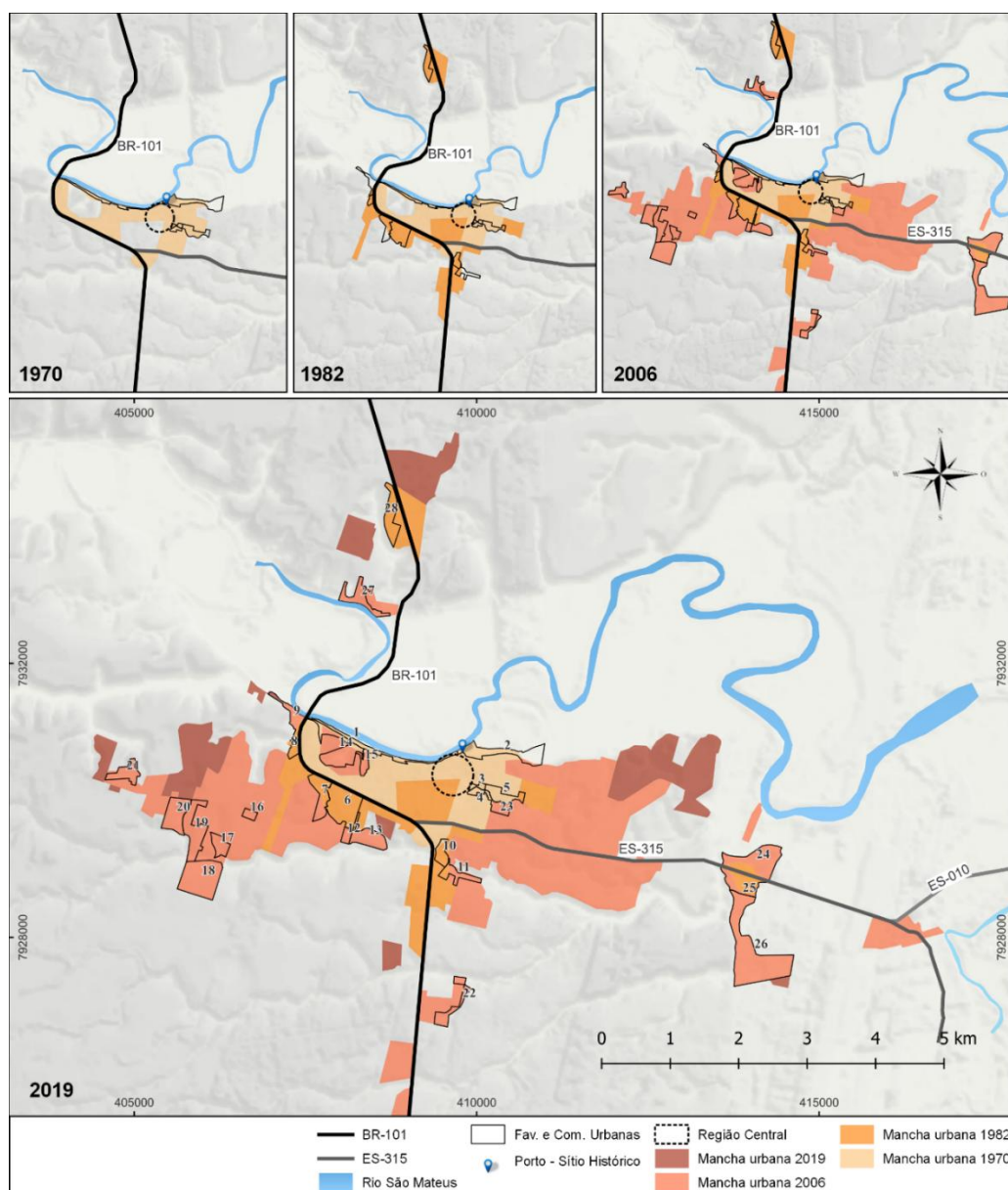


Figura 3 - Mapa conjectural da evolução da mancha urbana e gênese das favelas e comunidades urbanas em São Mateus. Fonte: IBGE (2023), elaborado pelo autor (2025)

Já 2006 é o ano em que já é possível observar na mancha urbana todas as favelas identificadas pelo IBGE, sendo o preenchimento de comunidades que eram parcialmente ocupadas nos períodos analisados anteriormente, bem como a formação de novas, principalmente nas áreas mais periféricas. Há a formação de 16 novas favelas, completando as 28 comunidades, bem como a expansão de bairros existentes, como Novo Horizonte (7), Morada do Ribeirão (11), Pedra D'Água (24) e Jardim Eldorado (25). Em contrapartida, em 2019, conforme o levantamento realizado, não houve a formação de novas favelas na mancha urbana. Alguns fatores históricos merecem atenção diante desse cenário, como as mudanças significativas no panorama político a

partir dos anos 2000, com a implementação do Estatuto da Cidade e do Plano Diretor Municipal (PDM), o Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV), que teve uma atuação significativa no município.

De modo geral, pode-se observar que as favelas e comunidades urbanas se estabeleceram, desde 1970, principalmente a oeste da mancha urbana, enquanto a leste existem poucas comunidades, mais fragmentadas em relação ao tecido urbano. As comunidades que se formaram até 1982 mantêm uma maior proximidade com o centro da cidade, enquanto aquelas formadas entre 1982 e 2006 se localizam em áreas mais distantes.

Análise da segregação socioespacial

Os efeitos dos processos descritos nas diferenciações socioespaciais é notável quando se analisa dados sociodemográficos. Como visto inicialmente, um dos principais padrões possíveis de segregação socioespacial nas cidades brasileiras é o centro-periférico, que pode ser caracterizado pela dispersão territorial, crescimento horizontal do tecido urbano, como apontado por Caldeira (2000), e aumento dos vazios urbanos (Sposito, 2004).

Nesse sentido, é pertinente observar tais aspectos em São Mateus, considerando a inserção das favelas no tecido urbano, o núcleo urbano analisado está inserido em um raio de cinco quilômetros a partir da região central. Além disso, a mancha urbana de São Mateus apresenta uma conformação horizontalizada, com ocupação predominante no eixo leste-oeste, sendo transversalmente cortada pela BR-101, que se configura como um importante elemento estruturador. Nota-se que as áreas mais fragmentadas estão localizadas às margens da BR-101, bem como da ES-305 (Figura 1). Entretanto, apesar das características mencionadas e considerando a dimensão do tecido urbano, é difícil, e poderia ser equivocado, falar em horizontalidade ou dispersão excessivas, aspectos que no campo da segregação são comumente atrelados a regiões metropolitanas, assim como em Caldeira (2000).

Apesar das distâncias relativamente curtas, é importante destacar que pode haver uma lógica de segregação centro-periferia em São Mateus. A partir da Figura 3, observa-se que as comunidades numeradas de 1 a 15 estão localizadas mais próximas da região central (em um raio de até 2km), enquanto as demais se situam mais distantes (Em um raio de 3 a 5 quilômetros). No entanto, o mapa revela que as comunidades 6 a 13 foram formadas até a década de 1980. À época de sua ocupação, não havia presença urbana significativa além da margem oeste da BR-101, o que indica que, no momento de sua formação, essas comunidades se situavam nas áreas mais periféricas da cidade. Mas para além da análise dos fatores de distância de ocupação periférica – no sentido mais geográfico da palavra – outras condicionantes devem ser consideradas na análise da segregação.

Sposito (2004) aponta que em cidades médias, que contam com menores distâncias, pode haver uma separação social mais rápida e profunda dentro da cidade. Nesse sentido, é pertinente analisar, além da condição de localização, a condição social das áreas da cidade, e identificar em que contexto as favelas e comunidades urbanas estão inseridas, aspecto que poder ser observado a luz dos dados sociodemográficos.

A densidade populacional foi um aspecto que se mostrou bastante pertinente para ilustrar as diferenciações espaciais quanto ao quesito populacional. No mapa da Figura 4, observa-se que a região central é a que apresenta menor densidade, e, por sua vez, as favelas abarcam os locais

com maior densidade populacional. Enquanto a maior parte da cidade apresenta até 50 habitantes por hectare, a maior parte das favelas está inserida ou abarcam setores com densidade média que varia entre 100 e 248 habitantes por hectare, exceto as comunidades de Morada do Lago (18), Pedra D'água (24), Liberdade (26) e Jambeiro (27). Em contrapartida, as favelas que se destacam com mais densas são Vila Nova (6) e Seac (22), que abarcam setores com densidade média maior que 200 habitantes por hectare.

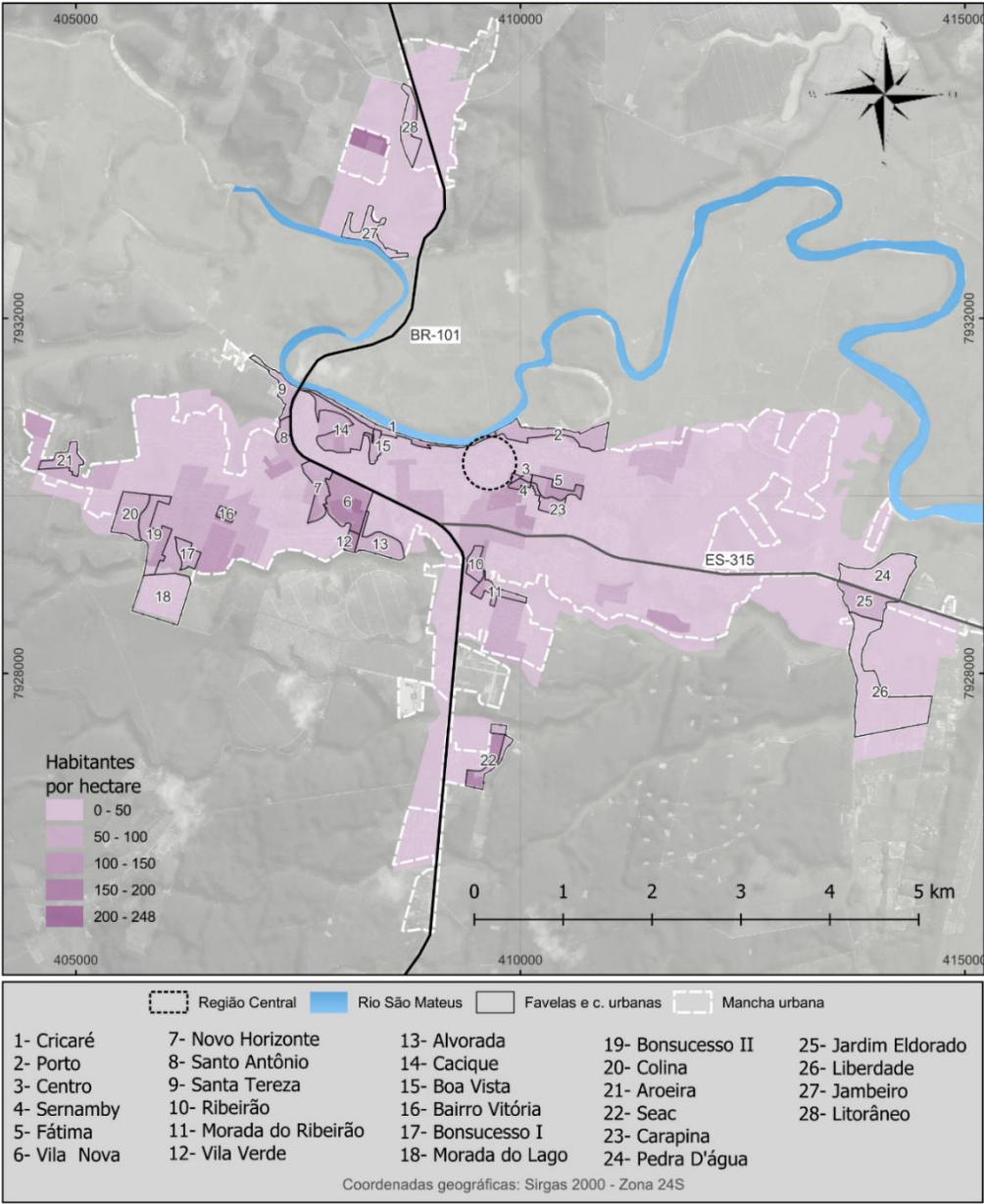


Figura 4 - Mapa de densidade por setores censitários na mancha urbana de São Mateus, em 2022. Fonte: IBGE (2025), elaborado pelo autor (2025)

Outros fatores também se demonstram pertinentes para análise da segregação, é o caso da divisão territorial de pessoas brancas, pretas, pardas, amarelas e indígenas. Tal análise torna-se pertinente em virtude da histórica negligência do Estado e dos agentes industriais para com os territórios e povos quilombolas, que marcaram o período do processo de industrialização do município e urbanização de São Mateus, culminando na saída dessa população em direção aos centros

urbanos. Conforme os dados do Censo de 2022 (IBGE, 2024), São Mateus tem uma distribuição populacional por raça de 55,37% de pardos, 25,91% de brancos, 18,16% de pretos, 0,39% de indígenas e 0,17% de amarelos, ou seja, 73,53% da população mateense é negra. Considerando apenas a população residente nas favelas de São Mateus, mais de 59,04% se autodeclaram pardos, 23,44% pretos, 16,63 brancos, havendo uma população indígena e amarela pouco expressiva. Assim, 82,44% dos residentes em favelas são negros, quase 20% a mais do que a proporção geral do município.

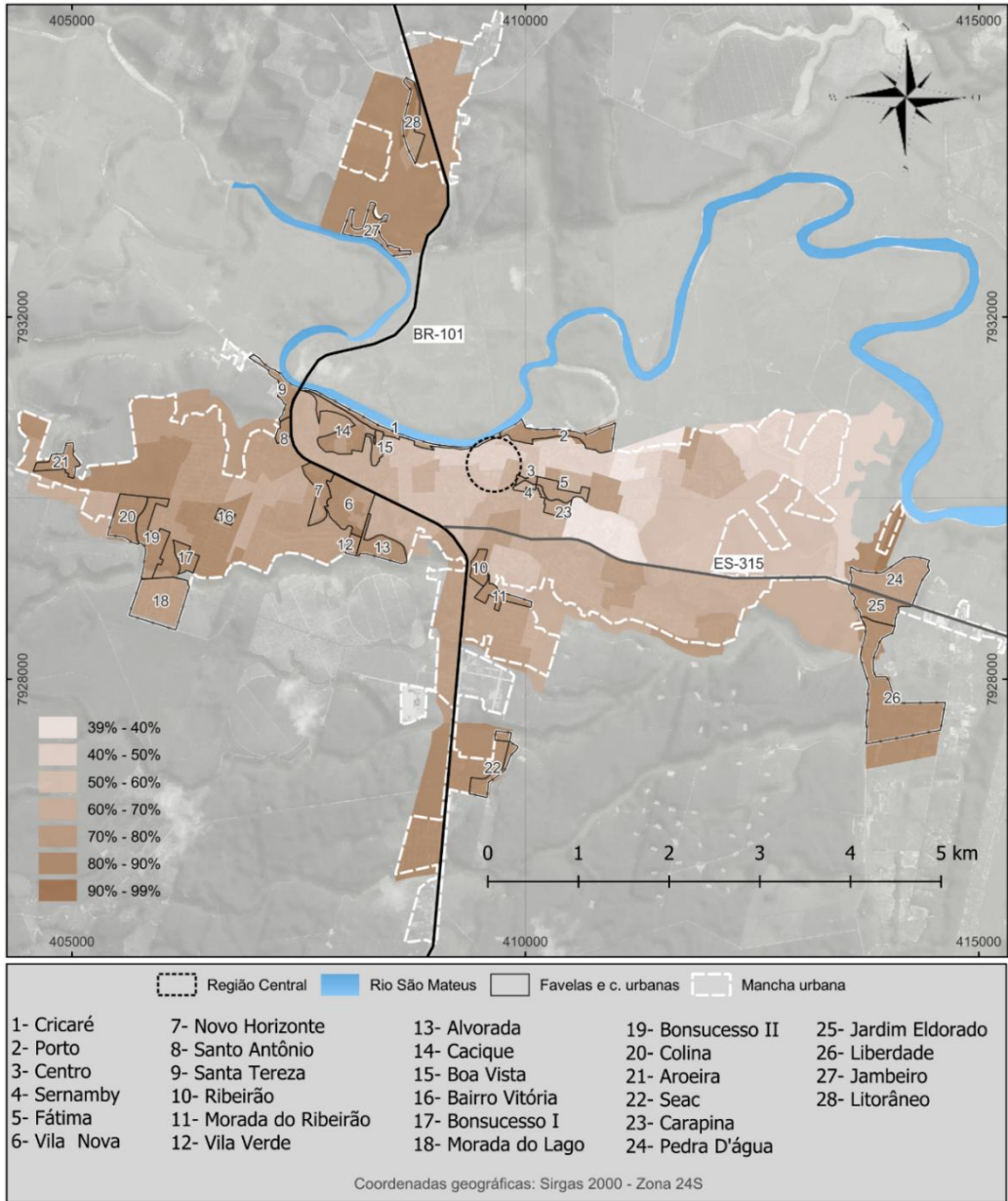


Figura 5 - Mapas do percentual de pessoas negras por setores censitários na mancha urbana de São Mateus em 2022. Fonte: IBGE (2025), elaborado pelo autor (2025)

No mapa anterior, Figura 5, verifica-se que a região mais próxima ao centro é a que apresenta os menores percentuais de pessoas negras, com setores que apresentam até 60% da população negra, valores que aumentam à medida que se distancia da região central, chegando a setores censitários com até 870 pessoas negras ou 99% da população negra, ou seja, que se autodeclararam pretas ou

pardas. Além disso, os setores censitários localizados a partir da margem oeste da BR-101 e da margem norte da ES-315 são os que apresentam maior concentração de pessoas negras e as favelas abarcam setores que se destacam tanto em número quanto em proporção de pessoas negras.

O último aspecto dos dados sociodemográficos é a renda da população. Souza (2013) destaca que a segregação socioespacial está associada a fatores como a pobreza, expressão central das diferenciações socioespaciais, tornando a renda um elemento fundamental para a análise da vulnerabilidade econômica. Embora, à época da elaboração deste trabalho, não estivessem disponíveis variáveis de renda agregadas por setores censitários mais recentes, os dados do Censo 2010 permitem identificar tendências da distribuição de renda no espaço urbano de São Mateus, como ilustra o mapa da Figura 6.

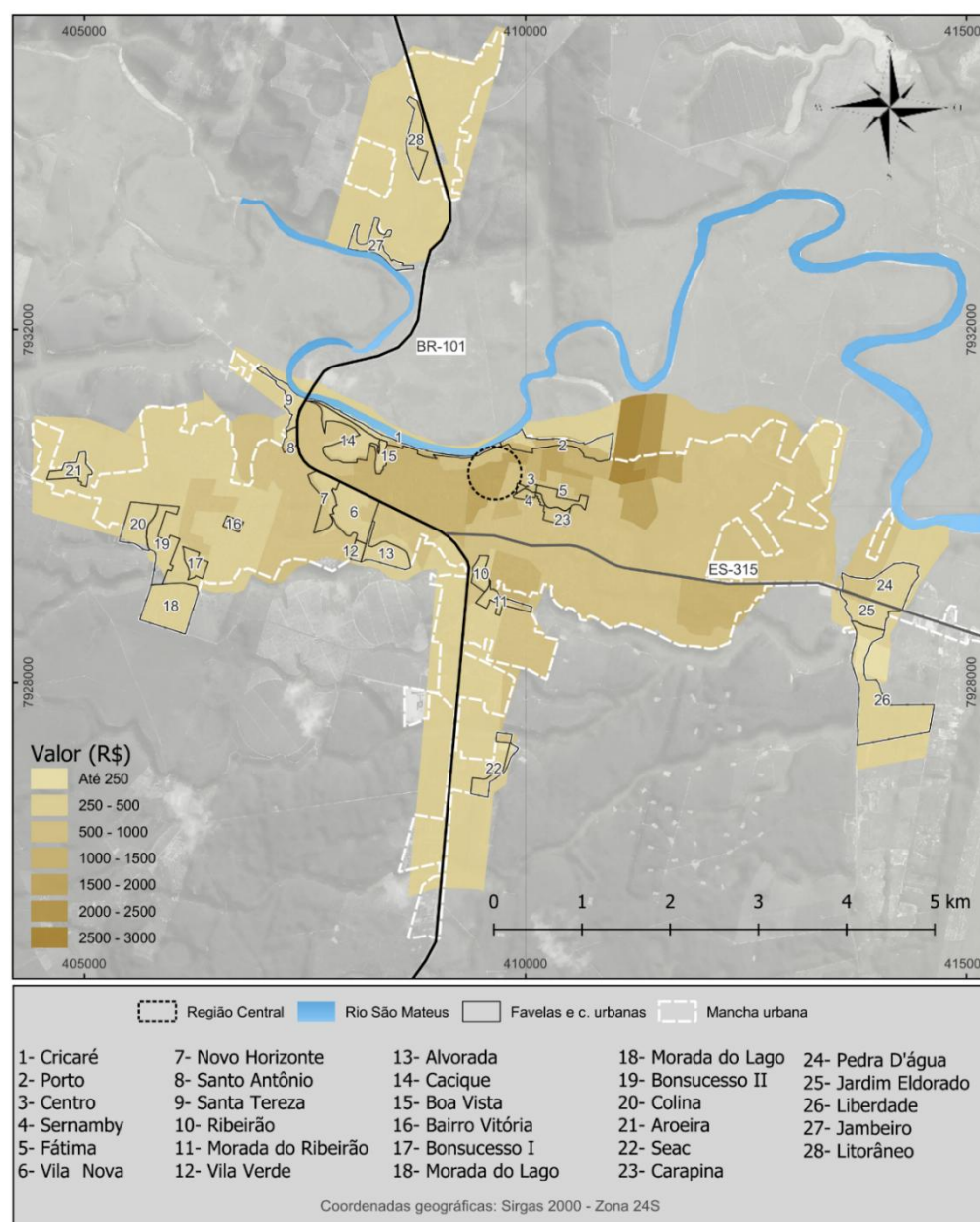


Figura 6 - Mapa do rendimento médio mensal das pessoas com mais de 10 anos de idades em São Mateus, em 2010. Fonte: IBGE (2010), elaborado pelo autor (2025)

Observa-se que, em 2010, o setor com menor renda média mensal per capita (até R\$ 250,00) abrangia parte da comunidade Liberdade (26), situada na porção leste periférica da mancha urbana. Em contraste, a região central e, sobretudo, setores da porção leste concentravam os maiores valores de renda domiciliar per capita, superiores a R\$ 1.000,00. As favelas, localizam-se predominantemente em áreas de menor renda, com valores médios entre R\$ 250,00 e R\$ 500,00, abrangendo a maior parte da porção oeste da mancha urbana e áreas ao norte do rio São Mateus, havendo setores pontuais entre R\$ 500,00 e R\$ 1.000,00. Apenas as comunidades Cricaré (1) e Porto (2), mais próximas ao centro, apresentam áreas com renda média entre R\$ 1.000,00 e R\$ 1.500,00. Destaca-se ainda que, ao longo da BR-101, embora existam setores com renda per capita entre R\$ 500,00 e R\$ 1.500,00, as favelas localizadas nesse eixo — como Vila Nova (6), Vila Verde (12), Alvorada (13) e Cacique (14) — concentram rendas inferiores a R\$ 500,00. Assim, ao se comparar com a renda per capita média do município (R\$ 810,83), a renda se consolida como um dos principais elementos de diferenciação entre a área central e as demais porções da cidade, especialmente entre os setores leste e oeste, evidenciando desigualdades salariais mais acentuadas nas favelas.

Conclusões

De modo geral as variáveis de densidade e renda são as que mais refletiram as diferenças entre espaços de favelas e outras áreas da cidade, tais aspectos demonstram maior expressividade negativa nas comunidades urbanas. Não apenas isso, os dados demonstram diferenciações entre as porções leste e oeste da mancha urbana, de forma que, em geral, a porção leste apresenta características mais favoráveis de renda e educação. Além disso, as localidades com os piores valores de renda e as mais densas também são as áreas que apresentaram a maior ocorrência da população negra, evidenciando uma segregação socioespacial acompanhada da desigualdade racial. Os dados confirmaram, ainda, uma mudança brusca e não gradual de aspectos da segregação socioespacial, em que as regiões onde se localizam os territórios populares e a população negra são as mais vulneráveis socialmente. Isso pode ser ilustrado a partir das variáveis de raça e renda, considerando que, mais próximo da região central, à margem norte da BR-101, encontram-se setores censitários com menor incidência de pessoas negras (Figura 5) e médias salariais mais altas (Figura 6), enquanto imediatamente a margem sul da BR-101 encontra-se o cenário contrário, com maior quantidade de pessoas negras e médias salariais mais baixas.

A partir da discussão histórico-geográfica verificou-se o impacto da reestruturação produtiva transnacional e a reestruturação urbana, conforme entendimento de Sposito (2004), citado anteriormente, sobre a reestruturação produtiva, fundiária, demográfica e na divisão técnica-espacial de São Mateus repercutindo sobre a formação e transformação das favelas. Em conjunto com os dados sociodemográficos, pode-se compreender que os processos que marcaram a reestruturação da cidade de São Mateus a partir dos anos de 1960, bem como o papel dos agentes presentes na constituição do espaço urbano, formaram um lugar marcado, dentre outros aspectos, pela desigualdade e segregação socioespacial, sendo as favelas uma das suas principais expressões.

Ao concentrar-se no período de emergência das favelas em São Mateus (entre as décadas de 1960 e 1980), pôde-se compreender uma marcante reestruturação socioespacial do município. Essas reestruturações revelam mudanças nas formas de apropriação da natureza por diferentes agentes, ao longo de mais de quatro séculos, além de transformações na divisão territorial do trabalho e na transição demográfica do rural para o urbano. Trata-se de transformações que se inserem no

contexto da economia integrada de cada época (Smith, 2007), envolvendo, simultânea e/ou sucessivamente, reestruturações produtivas e mudanças recíprocas entre as áreas rurais, urbanas e industriais

Referências

ABRAMO, Pedro. A regulação urbana e o regime urbano: a estruturação urbana, sua reprodutibilidade e o capital. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 510-555, jun./dez. 1995. Semestral.

A GAZETA (Espírito Santo). Déficit habitacional hoje é de 5 mil unidades. **A Gazeta**, Vitória, p. 4, 23 set. 1989.

A GAZETA (Espírito Santo). Produção de petróleo cai. **A Gazeta**, Vitória, p. 1-12, 21 set. 1990.

ALVES, Vitor de Araujo. A geografia histórica como campo de pesquisas. **Revista Cidades**, [S.L.], v. 8, n. 14, p. 623-643, 3 set. 2011. Universidade Federal da Fronteira Sul.

BONDUKI, Nabil. **Origens da habitação social no Brasil**: arquitetura moderna, lei do inquilinato e difusão da casa própria. 6. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2013.

BONOMO, Soliane. **Trajetórias e tendências da centralidade de São Mateus (ES)**: a importância de uma cidade (sub) regional na rede urbana capixaba. 2010. 183 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros**: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Editora 34, 2000. 340 p.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1991.

DAVIDOVICH, Fany Rachel. Transformações do quadro urbano brasileiro: 1970-1980. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 49, n. 2, p. 5-34, 1987. Semestral.

DE'NADAI, Alacir; OVERBEEK, Winfridus; SOARES, Luiz Alberto. **Promessas de emprego e destruição do trabalho**: o caso aracruz celulose no Brasil. Uruguay: Movimento Mundial Pelas Florestas Tropicais, 2005. 45 p.

ESPÍRITO SANTO. IJSN. Governo do Estado do Espírito Santo. **Movimentos Migratórios no estado do Espírito Santo - 1981-1986**. Vitória: IJSN, 2003. 97 p.

ESPÍRITO SANTO. Secult. Governo do Estado do Espírito Santo. **Arquitetura**: patrimônio cultural do Espírito Santo. Vitória: Secult, 2009. 560 p.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

IBGE (Brasil). **Favelas e Comunidades Urbanas 2024**: notas metodológicas n. 01 sobre a mudança de aglomerados subnormais para favelas e comunidades urbanas. Rio de Janeiro: Ibge, 2024. 79 p. Disponível em: . Acesso em: 03 jun. 2024.



IJSN (Espírito Santo). Estudos populacionais para cidades, vilas e povoados. Vitória: IJSN, 1985. 251 p. Disponível em: . Acesso em: 06 jun. 2022.

LIMA, Adelson Rocha. **Territorialização da monocultura do eucalipto e os impactos sobre a estrutura agrária no norte do Espírito Santo**. 2016. 188 f. Dissertação (Mestrado) - Geografia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

LOUREIRO, Klítia. **o processo de modernização autoritária da agricultura no Espírito Santo: os índios tupinikin e guarani mbya e a empresa aracruzeiro celulose s/a (1967-1983)**. 2006. 172 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória, 2006.

LOURENÇO, Tiago Castelo Branco. **"Com ordem minha mesmo"**. 2022. 649 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

LUQUEZ, Juliana. **"Usos e (ab)usos" do conceito de reestruturação: adjetivações e sentidos na compreensão da produção do espaço**. Espaço e Economia, [S.L.], v. 5, n. 9, p. 1-15, 30 dez. 2016. OpenEdition.

MARICATO, Ermínia. Brasil, **cidades alternativas para a crise urbana**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

MARICATO, Ermínia. **O impasse da política urbana no Brasil**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. 214 p.

NARDOTO, Eliezer Ortolani. **História, Geografia e Economia de São Mateus**. São Mateus: Ed. do Autor. 2016.

PASTERNAK, Suzana; D'OTTAVIANO, Camila. Favelas no Brasil e em São Paulo: avanços nas análises a partir da leitura territorial do censo de 2010. **Caderno Metrópole**, São Paulo, v. 18, n. 35, p. 75-99, abr. 2016.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. 259 p.

SÃO MATEUS. CARTÓRIO DO 1º OFÍCIO DE SÃO MATEUS. **Loteamentos registrados em São Mateus - ES (Até 12-2023)**. 2024.

SMITH, Neil. **Desenvolvimento desigual**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988. 338

SILVA, Marcelo Werner da. **A Geografia e o estudo do passado: conceitos, periodizações e articulações espaço-temporais**. Terra Brasilis, [S.L.], v. 1, n. 1, p. 1-17, 5 nov. 2012.

SOUZA, Marcelo Lopes de. O desafio metropolitano. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. A produção do espaço urbano: escalas, diferenças e desigualdades socioespaciais. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (Orgs). A Produção do Espaço Urbano: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2011.



SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Novos conteúdos nas periferias urbanas das cidades médias do Estado de São Paulo, Brasil.** Investigaciones Geográficas, Cidade do México, n. 54, p. 114-139, 2004.

